

**Apontamentos da Assembleia de Escola da Comunidade
com Davide Prospero e S.E. monsenhor Filippo Santoro
por videoconferência de Milão, 8 de junho de 2022**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, Lisboa, Paulus 2022, pp. 5-90.

Filippo Santoro

Antes de começar, vamos rezar uma *Ave Maria*, e cantar um canto a Nossa Senhora pedindo pelos mártires da Nigéria: 21 mártires (entre os quais crianças), mais de outros 200 feridos na catedral de Owo, durante a Missa de Pentecostes. São mártires *in odium fidei* (por ódio de fé), porque cristãos; é um facto desvalorizado pela imprensa internacional, mas para nós é um testemunho do que significa viver a fé integralmente, reconhecendo Cristo como vida da vida.

*Ave Maria
Veni, Sancte Spiritus*

E agora cantemos *Nossa Senhora, mãe de Jesus*, porque a paz é verdadeiramente um dom e um milagre.

- *Nossa Senhora, mãe de Jesus*

Davide Prospero

Boa noite. Esta noite encontramos-nos depois de alguns meses nos quais, entre outras coisas, vivemos também os Exercícios da Fraternidade que – como sabemos – foram muito úteis para o nosso caminho deste período, tanto assim que em muitas das perguntas que nos chegaram podemos ver também a reflexão sobre os passos que nos foram indicados, assinalados, por este gesto. O trabalho de Escola de Comunidade produziu muitas perguntas, que reunimos; esta noite, responderemos a algumas exemplificativas, que vão abordar as passagens fundamentais da parte do texto de Escola de Comunidade sobre a qual trabalhámos. É visível, nos contributos, o fruto deste trabalho nas comunidades e a nível pessoal, mesmo o de seguir o convite que D. Filippo nos tinha feito (mais do que um convite, foi um testemunho pessoal seu!) de dedicar dez minutos por dia à Escola de Comunidade. Houve muitos que o levaram mesmo a sério e julgo que produziu, está a começar a produzir os seus frutos, quando foi feito com fidelidade. Esta noite vamos começar a abordar algumas das questões que surgiram.

Há uma primeira pergunta (que é como que uma premissa de todas as outras), que diz respeito ao facto de que nos sentimos todos um pouco perdidos, porque o texto de Escola de Comunidade levantou questões de compreensão, não apenas lexical, mas concretamente de conteúdo da experiência que está por trás das palavras que *don* Giussani nos comunicou neste texto. É a primeira vez que pegamos neste texto passados tantos anos, tanto quem não viveu os Exercícios da Fraternidade de 1997, como quem neles participou (julgo que a maioria já os teria esquecido). Esbarrámos numa situação inédita, que fez surgir, de forma mais dramática, esta pergunta: «Como é possível fazer Escola de Comunidade sem a reduzir a uma teoria ou a uma interpretação nossa?». Pergunto, por isso, a D. Filippo se pode começar já a responder a esta, que é uma questão mais geral, de método.

Santoro

Boa noite a todos vós aqui presentes e a todos aqueles que nos seguem de várias partes do mundo. As perguntas eram cerca de 80/90, e por isso foi difícil conseguir fazer uma síntese; porém, identificámos os pontos fundamentais.

A pergunta sobre a dificuldade do texto é uma pergunta fundamental e faz-nos realmente perceber que a Escola de Comunidade é efetivamente uma escola, e numa escola não se repetem sempre as

mesmas coisas, há aspetos em que se aprofunda um conteúdo. *Don* Giussani quis precisamente isso: em vez de fazer uma comunicação de improviso, como sempre tinha feito, preferiu propor um texto meditado, refletido, denso, com o qual aprender, e por isso convida-nos a fazer um trabalho pessoal. Numa escola não se dizem e voltam a dizer sempre as mesmas coisas, numa escola há sempre algo de novo a descobrir, e isso exige um trabalho pessoal e comunitário. Esta Escola de Comunidade exigiu um trabalho sério.

Há testemunhos que nos dizem como foi vivida esta abordagem do trabalho: é como se tivesse sido dado um passo em frente ao nível do conhecimento e ao nível da afeição. Assim, o texto de *don* Giussani aumenta o conhecimento, introduz-nos a uma experiência, não a uma repetição de coisas teoricamente sabidas, mas coisas conhecidas por experiência; e depois, a viver uma dinâmica da afeição, da ligação, do experimentar aquilo que meditavam. Também para mim, depois de o ter apresentado procurando ser o mais sintético e simples possível (fazer uma coisa simples e sintética é um trabalho duro, não foi uma brincadeira!). É mesmo assim: quando se assimila cresce o conhecimento, cresce a afeição.

Eu queria partir precisamente de três testemunhos que contam este percurso.

«Querida contar aquele que foi o percurso deste ano de Escola de Comunidade [e em especial das últimas Escolas de Comunidade]. Ao princípio, quando chegou o livro novo, estávamos todos entusiasmados com o título: *Dar a vida pela obra de Outro*. Pensámos: “Finalmente, vamos ler o que devemos fazer para gastar a nossa vida a construir a obra de Deus [o que devemos fazer!]”. O choque com o conteúdo destabilizou-nos muito. Vimo-nos, de repente, diante dum texto que nos obrigou a um trabalho intenso. Lembro-me de Escolas de Comunidade onde líamos linha por linha [já é um trabalho diligente!] tentando perceber e fazer nosso aquilo que o Gius nos dizia. Descobrimo-nos longe (na experiência) daquilo que pensávamos já possuir. Claro, nós sabemos que Deus é tudo em tudo e Cristo é tudo em tudo, mas ainda assim sentimos um desfazamento, quase um afastamento, daquilo que a Escola de Comunidade dizia. Demos por nós como que a recomeçar do zero, tentando refazer um juízo nosso que pensávamos já possuir [*já sei*, diz-se em português: já sei esta coisa, quando, na verdade, é como refazer um caminho]. A coisa mais espantosa neste trabalho é que, apesar da nossa total incapacidade de compreensão e tradução na experiência daquilo que líamos, um grande número de novas famílias, jovens, ficou preso a este lugar. A dada altura tornou-se evidente que aquele lugar [o lugar do trabalho, o lugar comunitário do trabalho] era mais do que a soma dos fatores que cada um de nós conseguia trazer, era misteriosamente reconhecido um fascínio que, evidentemente, não éramos nós a produzir».

Logo, o trabalho produziu acima de tudo uma agregação, um clima de empenho, de responsabilidade pessoal, porque a Escola de Comunidade é, essencialmente, uma responsabilidade pessoal. Neste período, o aspeto mais evidente é que não se pode avançar ouvindo e pronto, mas que entra em jogo a minha pessoa; e por isso, a minha responsabilidade joga-se no confronto com um texto denso que nos é proposto e que traz uma experiência.

Outro testemunho diz: «Nestes últimos anos, eram mais as vezes em que eu ia ao encontro de Escola de Comunidade sem ter lido o texto do que as vezes em que o lia [confissão cândida, quantos de nós não a devíamos fazer! Mas pelo menos aqui ele confessa-se!]. Por isso decidi levar a sério as indicações do movimento (não apenas aquilo que eu entendi de Cristo) com todo o meu coração, o que não quer dizer apenas meditar diariamente, mas, por exemplo, ler o livro do mês (há pelo menos quinze anos que não o fazia!) e ler a *Tracce*. Depois das primeiras semanas a seguir tudo quanto nos indicaste, apercebi-me de que ainda que quisesse do fundo do coração meditar na Escola de Comunidade pelo menos cinco/dez minutos, muitas vezes, levado pelas coisas que tinha para fazer, não o conseguia. Por isso, há alguns dias, decidi fazê-lo ao início do dia, ou melhor, logo a seguir ao pequeno-almoço [o importante é que se faça: depois do pequeno-almoço, depois do descanso; dez minutos no mínimo, é o mínimo obrigatório]. Este trabalho foi-me útil, estou aos poucos a mudar. Isso não quer dizer que não sofra de “vertigens” quando estou diante do Mistério que se fez homem e quer vir ao meu encontro nesta modalidade inimaginável... louca... Talvez as palavras da Escola de Comunidade que me marcaram mais sejam as que encontrei numas linhas da página 61: “Jesus,

como homem, aceita e reconhece ser Ele a misericórdia do Pai” [é um exemplo interessante, uma frase que fica no coração, e na cabeça]. Começar o dia com o desejo de ser “a misericórdia do Pai”. Nestes dias, procuro olhar para todos aqueles que encontro com este desejo: poder ser, ou melhor, aceitar ser a misericórdia do Pai. Não que antes tratasse mal as pessoas, mas agora sinto os dias menos “trabalhosos”, não sei explicar-me melhor, o meu coração está mais feliz». Portanto, é um trabalho que nos leva a estar na realidade, a tratar as pessoas como nos sugere aquilo que dizemos entre nós. Eis um terceiro testemunho: «Na Escola de Comunidade, precisamente no ponto que deu o título aos Exercícios da Fraternidade: “*É a vida da minha vida, Cristo*. N’Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim se move por amor das pessoas com as quais me colocou” (p. 87), desde a primeira leitura e depois também através do aprofundamento, cheio de intensidade, do padre Lepori, dei por mim a pensar: “Bolas, como seria bonito se eu vivesse verdadeiramente como se Cristo fosse a vida da minha vida, mas não sou capaz!”. Percebo, porém, que uma atitude assim me bloqueava, porque era como se relegasse mais uma vez à minha capacidade a possibilidade de Cristo ser tudo em todos para todos. Pelo contrário, ouvindo as tuas apresentações, os Exercícios, os amigos que contam a sua experiência na Escola de Comunidade, percebo que o facto de Cristo ser a vida da vida não é o resultado de eu ser muito bom, mas é assim e basta [é aquilo a que chamámos ontologia, uma coisa que nos precede]; é assim, ou seja, Ele é a vida da minha vida; quer eu o reconheça ou não, é assim. E então a vida, as circunstâncias que me são dadas, os factos mais significativos ou as dificuldades mais duras, as pessoas e as ocasiões que tenho, servem para descobrir isto [a realidade serve para descobrir isto, é mesmo uma aventura!]: Ele já é a vida da minha vida; percebemo-lo, porque quando uma pessoa vive com Ele e por Ele, tudo tem já um gosto e um sabor diferentes [porque Ele está presente] e aquilo que vivo serve para me dar conta e para me abandonar, não para ser bom, para que Ele se torne vida da minha vida, mas para me dar conta de que Ele já é a vida da minha vida, que sem Ele não vou longe. Então a vida tem uma finalidade diferente, não é um esforço permanente para ser um cristão melhor, mas uma grande viagem em que devo passar através de tudo aquilo que me é dado para descobrir que Ele é a vida da minha vida, aceitando cada circunstância, e não combatendo-a, como possibilidade e pedido de que Ele se revele».

É um testemunho que responde às dificuldades; que nos leva a fazer um trabalho que não reduz o Senhor a um produto das nossas mãos, mas O reconhece como descobrimos num encontro e que nos é dado.

Prosperi

Muito bonito, isto, mas também o primeiro testemunho que leste, porque é claro: é difícil porque não é possuído já, mas aí está precisamente a beleza!

O primeiro bloco de perguntas tem a ver com o tema da felicidade.

«Na página 81 está escrito: “O homem só reconhece verdadeiramente aquilo que Deus é se em tudo aquilo que faz pede a Deus para ser, e se cada ação sua é pedido a Deus para ser, ou seja, pedido de felicidade”. Em nome da felicidade, vi muitos amigos queridos deixarem mulher e filhos, dizendo que estavam finalmente felizes, apesar dos mortos que carregam às costas. Eu desejo ser feliz mais do que qualquer outra coisa. Porém, no meio deste meu desejo, que às vezes se transforma em pretensão, há alguma coisa que não bate certo. É um sonho de juventude? Como é que a dureza da vida não consegue eliminar este desejo e como é que é possível vivê-lo plenamente? No exemplo dos amigos que largam as suas famílias tentando ser felizes, o mundo aprova, os moralistas condenam, os outros ficam indiferentes tentando aumentar a espessura da couraça que os separa da vida verdadeira. No que diz *don* Giussani, intuo algo de muito profundo do nível com que se enfrentam estas coisas, mesmo entre adultos, mas não sei desenvolvê-lo, não sei apreendê-lo. Peço uma ajuda nisto».

Santoro

Há um ponto de partida firme como uma rocha: claro que a vida é feita para a felicidade. Não devemos recuar nisto: estamos aqui para uma felicidade, para o pressentimento de uma felicidade, de uma plenitude. Jesus – disse uma vez o Gius – precisa, como de pão para a boca, que as pessoas que O seguem tenham gosto pela vida (cf. L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. I-Fé*, Tenacitas, Coimbra 2007, pp. 56, 125). Movemo-nos para isso. O caminho para a felicidade nesta vida são as circunstâncias e, acima de tudo, as pessoas, logo, também a atração por uma mulher que não é a tua mulher; também ela é um dom que Deus te dá para O reconheceres. E é aqui que está o âmago da questão, porque tem de intervir o juízo: aquela atração que parece irresistível, se responderes à sua pretensão, lança-te numa perspetiva sem limite, aproxima-te do teu destino? Está de acordo com o desígnio do Mistério? Esta é a postura da resposta que eu explico com um testemunho meu. Disseram-me para contar mais sobre isto, e eu sinto-me à vontade para o fazer.

Fui para o Brasil, enviado por *don* Giussani, começo a ensinar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ensino Teologia; no curso de Teologia há também leigos e leigas, e entre as leigas, durante as minhas aulas, há uma que se interessa por aquilo que digo, pela novidade; apesar de ser seguidora da teologia da libertação, fica tocada, e então vem ter comigo à paróquia, segue-me, vem até às coisas do movimento, depois diz-me: «Vamos fazer uma caminhada no passeio de Copacabana»; e eu digo: «Bolas!».

Prosperi

Uma brasileira?

Santoro

Sim. E esta tem tudo no lugar, por isso não passa despercebida, casada, com filhos. Eu a certa altura digo-lhe: «Vem ao movimento», procuro que ela se encontre com outra pessoa. Ela vem, mas o seu objetivo era um bocadinho diferente. Então, neste caso, qual é a atração? A verdadeira atração é a que tem a ver com o teu destino. Se não tem a ver com o teu destino, se não tem a ver com a plenitude da tua vida, se não tem a ver com a história em que o Senhor te colocou e que constrói a tua vida – a história com o teu marido, com os teus filhos, o teu trabalho –, então, não é uma atração verdadeira. A verdadeira atração é quando uma coisa é a relação mais simples e mais viva com o destino. Para ti e também para a outra pessoa. A minha jogada foi dizer-lhe: «A ajuda que eu te posso dar é a seres feliz na condição em que o Senhor te colocou, é convidar-te a não te desviares para outro caminho, ou seja, é uma ajuda para viveres a circunstância que te aproxima do destino, que te aproxima de Cristo, Cristo feito homem e que te alcançou». Repeti o mesmo a outras pessoas que vieram falar comigo: «Se Deus te colocou num caminho bem preciso, se te deu mulher e filhos, se quis que tu partilhasses o seu ser pai, abandonar o caminho nunca é caminho para a felicidade». «Ah, mas é um sacrifício!». Está bem, mas trata-se de aderir a um juízo, caso contrário aquela atração – que em si até é boa –, sem um juízo sobre aquilo que definitivamente conta, está numa perspetiva cega, não ajuda à felicidade. Portanto, ajudemo-nos precisamente a seguir o caminho verdadeiro, o caminho para a plenitude. Porque aquilo que depois me aconteceu a mim é que mesmo no sacrifício (porque também é exigido um sacrifício em tudo isto) foi como que se abre um horizonte mais verdadeiro, uma relação mais verdadeira. E assim, também o caminho daquela pessoa se tornou mais sereno, graças a Deus; não decerto por mérito meu, eu tentei apenas fazer o possível.

Conto-vos ainda outra coisa, que também aconteceu em Copacabana. Enquanto missionário, estava destinado a visitar uma *favela* da periferia; depois o cardeal, como eu tinha de ensinar Teologia, enviou-me para uma paróquia de Copacabana para aprender português e o pároco quis que lá ficassemos, tanto eu como o padre Giuliano, de Rimini. Assim, começámos a trabalhar e a encontrar pessoas. De manhã tinha aulas e à noite celebrava Missa; normalmente, havia algumas senhoras de cabelos grisalhos, algum rapaz dos nossos, alguém da comunidade. Uma noite, entra uma senhora bonita, toda decotada (uma mulher bonita, em suma!) e eu penso: «Jesus, o que se passa?». Faço a homilia, explico o evangelho. Para surpresa minha, depois da Missa a dita senhora vem ter comigo e

diz-me: «Padre, fiquei tocada com o que disse sobre a gratidão. Eu estou a sair duma doença e vim à igreja para agradecer ao Senhor. O que devo fazer para responder a este dom e seguir melhor o Senhor? Devo fazer uma oferta?». «Não, não senhora, não deve fazer uma oferta. Na próxima quinta-feira, venha ao encontro de Escola de Comunidade de um grupo de amigos meus». Oh, ela – tocada também por aquilo que eu lhe disse – vem ao encontro de Escola de Comunidade! Normalmente vem também ali decotada, por isso todos os homens presentes se alegram. Era uma atriz de telenovela, a telenovela das oito – no Brasil há a telenovela das cinco, das sete e das oito –, aquela imperdível, que todos seguem, é uma tarefa religiosa segui-la! Esta senhora vem e começa a interessar-se, começa a participar. Chama-se Monique. Eu e o padre Giuliano acompanhamo-la, seguimo-la, e ela começa a falar-nos da sua vida confusa do ponto de vista afetivo. E depois diz: «Mas a vossa amizade é mais bonita do que as minhas confusões! É mais bonita porque quando estamos juntos há uma festa, um canto, há isto, há aquilo, é outra coisa!». E por isso reviu a sua vida, reajustou-se na sua experiência afetiva, voltou a comungar, precisamente devido a uma felicidade maior, a uma experiência de uma beleza maior. Depois – vejam o Mistério! – a doença voltou, uma leucemia, e o Senhor chamou-a; e todos os atores da Tv Globo vieram, e nós conhecemo-los. Ela foi o meio de encontro para muitos dos seus amigos daquele mundo, os mais estranhos e os melhores: Milton Nascimento e outros, pessoas que vieram e se aproximaram. Tornou-se instrumento de encontro, e depois o Senhor chamou-a. Porém o título que lhe demos, pensando na Monique, foi o que descobrimos com Leopardi: *Cara beltà*, cara beldade! A cara beldade é a proximidade do destino, mesmo no sacrifício, porque não foi fácil – nem para mim no primeiro caso, nem para ela no segundo caso – fazer a coisa certa. Com efeito, é necessário a experiência de uma beleza mais intensa, mais viva, maior. O sacrifício, então, é como que o caminho para o destino, porque o sacrifício faz-te querer bem à outra pessoa como Cristo a ama, porque a sua felicidade é o encontro com o Senhor, é estar no Seu caminho, é estar no Seu abraço. Cara Beldade.

Por isso é este o caminho da felicidade, é justamente o caminho em que uma pessoa responde ao Senhor. E depois vê a gratidão em tantas relações, porque foste o sinal do Senhor para um amor maior. Do qual nascem as vocações para a virgindade, o casamento, uma resposta, o sacramento, a fidelidade ao sacramento, a fidelidade ao Pai, o amor ao Senhor tal como o aprendemos. Porque esta é, no seu âmago, a felicidade cristã: o amor ao destino, o amor ao destino sem posse. Não há mais ninguém que fale assim, a não ser *don* Giussani. Quando Giussani fala do sacrifício, retira-lhe qualquer sombra de moralismo, porque é para uma paixão maior, para um ímpeto maior. Por isso o caminho da felicidade é o caminho que nós fazemos; evidentemente não conseguimos sozinhos, não sozinhos.

Recebi outra mensagem duma amiga minha espanhola que diz: «Caríssimo padre Filippo, como disseste na homilia pelo aniversário de Enzo Piccinini [estive em Modena, lá perto, em Nonantola, celebrei Missa pelos 23 anos do *dies natalis* do Enzo], neste caminho não podemos estar sozinhos [não estamos sozinhos porque o nosso caminho começou numa relação]. Também o padre Lepori sublinhava nos Exercícios que, depois do encontro, Marta fez o seu caminho no seio duma companhia e assim com o passar do tempo, dia após dia, duma geração para a outra, chega até ti. E chega até mim e faz-me agradecer pela tua perseverança de cinquenta anos de sacerdócio». Este ano celebrei cinquenta anos de sacerdócio, portanto de serviço honrado à Igreja de Deus, e dizia na Missa do Enzo: «Celebrei os cinquenta anos e muitas vezes diz-se: “Mas como é bonito o dia da ordenação!” e eu digo: “Claro que é bonito, mas cinquenta anos depois é ainda mais bonito!”», porque percorreste um caminho, porque a vida é um caminho, não é a alegria de um momento, é a alegria que se torna maior, é a alegria de um caminho no sacrifício, na obediência às circunstâncias; a circunstância fala-te e tu abraças a circunstância, mas porque não estás sozinho, porque o meu sacerdócio coincidiu com o encontro com *don* Giussani e, logo, com uma história; não estás sozinho no caminho. E depois ela diz: «Mas por que é que não podemos estar sozinhos? Porque não nos fazemos sozinhos, não nos fizemos sozinhos. Dizia Santo Irineu de Lyon que a história de cada homem é o tempo de que Deus precisa para levar a sua criatura à realização. Somos feitos. “Eu sou tu que me fazes” repete o Carras como eco de *don* Gius. Nós não sabemos como chegar a esta realização, não conhecemos aquele

desígnio. Nestas últimas semanas impressionou-me muito como as pessoas O procuram tão pouco para as suas vidas, como se Jesus nos dissesse: “Mas é só isto o que me pedes? Pensas que ficas bem com isto? Eu vim dar-me a ti, dar-te a minha presença, dar-te tudo: a vida, o todo, como o Pai o dá a mim, e tu só me pedes estas ninharias?”». Trata-se de pedir a Sua Presença, porque somos feitos d’Ele. Esta amiga acabou de ler as cartas de Nicodemos e conclui dizendo: «Assim um dia, quando chegarmos ao Paraíso [tem uma doença grave] teremos o rosto de cruz e ressurreição que relembrámos a 6 de junho, no primeiro aniversário do nascimento para o céu do nosso amigo Zatto, de Rimini, que em apenas dez meses de doença nos deu um testemunho de santidade. Estamos rodeados de santos, só é preciso o nosso pequeno, mas insubstituível “sim” a tanta grandeza».

Prosperi

Obrigado, porque, além disso, muitas perguntas abordavam precisamente este ponto: «Como é que faço para reconhecer verdadeiramente as exigências fundamentais do coração?». O que o padre Filippo nos contou com a sua experiência exemplifica bem o como. Porque as exigências do coração são indestrutíveis (foi o que aprendemos a reconhecer fazendo Escola de Comunidade) e, portanto, não são manipuláveis; mas nós podemos confundir-nos, identificando-as com emoções das quais, depois, vamos atrás. É o juízo que torna a exigência do coração consciência de si e, por isso, faz-te ver a realidade por aquilo que ela é, porque a exigência do coração implica a consciência do destino – como tu dizias, Filippo –. É esta a ajuda maior para reconhecer o que dizem verdadeiramente estas exigências: a consciência do destino. Está em jogo o destino, não aquilo que nós sentimos, não apenas aquilo que nos parece mais verdadeiro, aquilo que nos parece que nos corresponde mais. Às vezes, a consciência do destino pede uma coisa que, de imediato, não nos parece que corresponderia, e implica aquilo a que tu chamaste «sacrifício», ou seja, a afirmação de um bem maior, o reconhecimento de um bem maior.

Santoro

Sim, a grande vitória foi que, quando a Monique vinha ter connosco, dizia: «Esta convivência é mais do que todos os espaços que eu podia ter antes», ou seja, é outra coisa, é um lugar duma experiência.

Prosperi

Um segundo grupo de perguntas é descrito por este contributo: «Olhando para a minha experiência, reconheço com certeza que a minha vida e a vida de muitos amigos à minha volta foi marcada e plasmada pelo encontro com uma determinada realidade humana, uma história excepcional e misteriosa, uma realidade humana “na qual está presente o mistério de Cristo” (p. 86). Queria perguntar então: o que quer dizer “tomar consciência [...] do encontro feito” (pp. 86-87), para que esta minha experiência de pressentimento do Mistério se torne a familiaridade com Cristo e a afeição à pessoa de Cristo que leva Giussani a dizer: “devemos dizer ‘Tu, ó Cristo’, ao homem Jesus de Nazaré” (p. 89), até “perceber como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida [...] a vida da minha vida”? (p. 87)».

Santoro

Como tomar consciência do encontro feito? O primeiro passo é a simplicidade de olhar para a nossa história. No texto, nas páginas 86-87, *don* Giussani diz: «Devemos tomar consciência do acontecimento tal *como* nos aconteceu, do encontro feito», tomar consciência de como é que aconteceu no encontro que fizemos, tomar consciência da nossa história. E depois diz: foi assim para mim, dei por mim «**canalizado** numa companhia que tornava e que torna imediato para mim o mistério da Igreja; por isso, é um aparecimento do Corpo de Cristo [canalizado: sem o encontro daquela Missa, naquela noite, a Monique teria ido por outro canal, encontrou um canal que nunca teria pensado, porém deu-se o encontro]. É a companhia “vocacional”, ou seja, a companhia que nos implica, na medida em que gera a experiência e é gerada pela experiência em que o carisma nos tocou». Depois cita Santo Agostinho: «*In manibus nostris sunt codices, in oculis nostris facta*», os

Evangelhos a ler e as pessoas a encontrar e a seguir. «Para cada um, há um facto que teve um significado, uma presença que teve influência sobre toda a vida: iluminou a forma de conceber, de sentir [...] A isto chama-se acontecimento». E isto acontece uma e outra vez, não aconteceu só em Copacabana, aconteceu quando depois fui para Petrópolis, quando voltei para Tarento, acontece no presente nos encontros de todos os tipos como bispo em Tarento.

Depois é preciso uma familiaridade com esta história em que nos encontramos, não devemos dá-la por adquirida. É preciso uma familiaridade, uma familiaridade que é preferida, uma preferência que é privilegiada. E é mesmo assim. Tomar consciência do acontecimento, ou seja, duma familiaridade que nos provoca, e tudo na nossa vida é mesmo uma grande oportunidade para tomarmos consciência daquilo que nos aconteceu, do dom que nos aconteceu.

Como é que acontece? Como nos aconteceu e como acontece hoje faz-nos voltar ao caminho certo, ao caminho que o Senhor nos indica, porque temos todos os elementos para percorrer esta experiência. Vamos continuar.

Prosperi

Outra pergunta é esta:

«No capítulo “Cristo tudo em todos”, nos pontos 5 e 6, impressionou-me muito que *don* Giussani, quer para descrever a relação de Jesus com o Pai, quer a nossa relação com Jesus e com os outros, use em diversos momentos os verbos “reconhecer” e “aceitar”, referindo-se à reciprocidade inerente à amizade. Muitas das relações que vivo todos os dias nem sempre contêm esta dinâmica do reconhecimento e aceitação recíproca, e assim muitas vezes esvaziam-se e tornam-se formais.

O que quer dizer exatamente amar o destino e que quando eu amo o destino do outro e o outro o reconhece e o aceita, então há amizade? E se o outro não reconhece que desejo o seu destino e não o aceita, quer dizer que não há amizade? Mas isto não é fechar as portas à Misericórdia na dinâmica da amizade?».

Santoro

Na página 84, ainda sobre a amizade, diz ainda o texto: «Cada relação humana, com efeito, ou é amizade, ou falta-lhe alguma coisa, é deficiente, mentirosa». Mas não será exagerado dizer que, se não é amizade, é mentirosa? Há uma gradação: qualquer relação humana primeiro é incompleta, depois é deficiente, falta-lhe qualquer coisa. Mas aqui *don* Giussani explica bem; ainda na página 84, falando da reciprocidade, diz: «Aceitar e hospedar este dom torna recíproco o amor que quem deu possui, demonstra: aceitá-lo é o amor que demonstramos nós a quem nos deu o dom [...] a amizade é uma reciprocidade de dom, de amor, porque para um ser criado, como o homem, a forma suprema do amor a Deus é aceitar ser feito por Ele, aceitar o ser que não é próprio: é dado».

Aqui está um aspeto grandioso da amizade, e é que Ele nos aceita tal como somos, somos nós os primeiros a sermos aceites assim como somos, diz-me «amigo» assim como sou. Mas pensem (é uma coisa que sempre me comoveu!): Jesus diz «Amigo» a Judas que está para o trair, por isso Jesus tendencialmente ama todos, até aquele que está prestes a condená-lo. Claro, ali não está a resposta, não está a reciprocidade, mas sim a falta de resposta ao dom. Depois há a relação com outro coitado que é são Pedro que o trai, e quando Jesus lhe diz: «Simão, filho de João, amas-me?» (pergunta-lho três vezes), Pedro responde: «Senhor, tu sabes que eu te amo» (Jo 21,15-17). É esta a amizade, é a reciprocidade no «sim». Mas estão a perceber? Há um que o vai trair e Ele chama-lhe «amigo», e depois diz: «Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos» (cfr. Jo 15,14-15). Portanto – atenção! – fazer aquilo que o Senhor nos diz não é moralismo, é moralidade. Muitas vezes diz-se: «Não, se devo fazer uma coisa que não “sinto” é moralismo». Mas somos como os rapazinhos da Missa que dizem: «Não vou à Missa ao domingo porque não o “sinto”»? Isto é compreensível num adolescente, num rapazinho, mas se tu, em adulto, dizes: «Não, aquilo é um sacrifício, não, porque eu devo “sentir”»... O que é que tens de sentir? Não estão a ver a grandeza? É a oferta da amizade de Cristo que te é dada naquele momento, no gesto sacramental supremo da Páscoa do Senhor. Então é preciso um corpo, uma comunidade que te recorde a Páscoa do Senhor, e

então sentes que ela é correspondente ao teu coração. O coração é feito para encontrar uma resposta correspondente, por isso é mesmo assim, é mesmo a grandeza da resposta que torna completa a relação; o amor, o amor que se realiza na reciprocidade é aceitar ser feito, aceitar ser, aceitar o ser que não é nosso, é dado.

Por isso a experiência da amizade é a plenitude da relação afetiva. E depois o Senhor continua (João 15,12-17): «Já não vos chamamos servos, mas amigos» e depois diz: «Não há amor maior do que aquele que dá a vida pelos seus amigos. Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi», e é aquilo que eu relembro a todos os amigos que passam por uma dificuldade de vocação: «Mas tu foste escolhido» e por isso há uma invasão de uma ternura e de um amor grandes. Isso basta.

Prosperi

Eis a última pergunta: «Na Escola de Comunidade lemos: “Daqui vem a obediência que salva a ordem na sociedade. Mas quem salva a ordem na sociedade é a autoridade: ‘Que todos se submetam às autoridades públicas, pois não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. [...] É que os detentores do poder não são temidos por quem pratica o bem’; ‘Sede, pois, submissos a toda a instituição humana, por amor do Senhor’” (p. 71). Percebo que Deus é a origem última da autoridade, e não a própria autoridade. Percebo que Deus não manda o mal ao homem, mas permite-o; percebo que através do mal se revela a misericórdia do Mistério. Mas, enquanto professor de história, que amanhã terá de falar do regime nacional-socialista e do estalinismo, como é que posso explicar todo o mal que eles, objetivamente, trouxeram ao homem e, ao mesmo tempo afirmar que devemos submeter-nos às instituições humanas porque “não há autoridade senão de Deus”? Ou, ainda mais atual, como é que se pode afirmar que Putin, na Ucrânia, deve ser seguido, como instituição de governo, “por amor do Senhor”?».

Santoro

Esta pergunta remete-nos para a atualidade porque, precisamente, a Escola de Comunidade não é uma meditação sobre as nuvens, mas sobre o quotidiano, incluindo a guerra. Olhemos para a forma como o Papa reage nesta situação, olhemos para o que ele está a fazer nestes dias: incita-nos a submeter-nos às instituições humanas? Não. Aos juízos dos bem-pensantes? Não. Está a julgar as autoridades humanas, julga-as em cada intervenção sua. Está a rezar e está a convidar-nos a rezar para que as autoridades humanas se verguem à vontade de Deus, que quer a paz. Deus quer que o homem seja feliz, e por isso quer que os povos estejam em paz. Portanto, não é um seguir... se tiveres de falar do nazismo e do comunismo, deves dar um juízo, como o Papa o dá sobre a guerra na Ucrânia: sem meias-palavras, e quanto mais o tempo passa, mais forte é a sua voz. É importante que no meio da situação nós conservemos este juízo: não um «nem com a Ucrânia, nem com Putin», mas uma posição como a do Papa, que é a da prioridade da paz sobre tudo o resto. E depois, no meio disto, a urgência da negociação, a urgência de todos os caminhos, e assim o Papa, quando é possível, diz: «Vou a Kiev», quando não é possível diz: «Já não vou», se depois se abre uma via de saída, vai, ou seja, está na realidade.

Na história, não nos é poupado o drama de escolher: temos de escolher, temos de intervir, tal como devemos intervir nas eleições. Nós temos eleições municipais em Tarento; todos os partidos (quase todos, em suma!) vieram ter com o Bispo e uma pessoa recebe-os, o que se há-de fazer? Um deles conversa e diz-me: «Preocupo-me com o bem comum, a vida acima de tudo, a saúde acima de tudo. Basta de poluição, é preciso mudar de rumo. E depois salvamos o emprego. E depois chega do exagero do fundo de desemprego» etc.. Eu não me ponho também a fazer um comício, senão... Mas uma pessoa intervém na realidade, não fica a olhar; não fica a olhar, mas intervém, intervém com um juízo sobre o que torna possível o bem da pessoa e o bem da sociedade. Eu disse: «Mas algum de vocês se preocupa com estes milhares e milhares de jovens que largam o Sul para irem para o Norte, para a Europa e outros sítios? Mas por que é que não criam Institutos Técnicos sérios, Institutos superiores de formação profissional?» etc.. Em suma, entra-se na realidade partindo precisamente dum juízo que

é o que o Santo Padre dá em todas as ocasiões e que nós aprendemos na nossa companhia, na nossa amizade.

Prosperi

Se me permites, acrescentaria uma pequeníssima nota. Este sublinhado de Giussani tem a ver com o contexto humano de cada um de nós. Porque uma coisa é conceber-se como autoridade de si mesmo, outra coisa é conceber-se como dependentes de Deus e, portanto, também das circunstâncias em que Deus nos coloca. Pelo que, em qualquer circunstância, respeitando qualquer circunstância, nós podemos viver a fundo – como dizia D. Filippo – a realidade que nos é dada, onde o critério de juízo que nos é dado, onde o critério de juízo não é ditado necessariamente por aquilo que diz o chefe, mas pela correspondência entre a circunstância que é dada e o meu coração, ou seja, o destino. Cada um de nós tem a responsabilidade de reconhecer em si o caminho da vida que, seguindo alguém, é ajudado a ir cada vez mais ao fundo de si mesmo. Porque eu julgo que aqui a grande partida não se joga tanto entre uma autoridade boa e uma má; percebemo-lo todos quando ouvimos falar de Estaline. O problema não é tanto esse, o problema é reconhecermo-nos dependentes ou concebermo-nos isolados. A última pergunta que surgiu da leitura da Escola de Comunidade tem a ver com o tema da misericórdia: «O que quer dizer que o Mistério como misericórdia continua a ser a última palavra sobre a doença dos meus pais ou sobre a guerra?».

Santoro

Bem, terminamos com esta pergunta sobre a misericórdia. A misericórdia continua a ser a última palavra, disse-o *don* Giussani no encontro de 1998 dos movimentos com João Paulo II. Aqui tocamos precisamente o coração do mistério da realidade. No mistério da realidade está esta misericórdia lá dentro, no fundo. Para responder à pergunta voltei a um facto que *don* Gius conta várias vezes. O episódio narrado é a experiência daquela mãe que encontra *don* Giussani no confessionário e lhe diz: «Há dois anos, morreu-me o marido. Tinha dois filhos. Um enlouqueceu com a morte do pai e, transtornado, matou o irmão [imaginem o drama!]. Agora está no manicómio da prisão de Bolonha. Assim, de repente, fiquei sozinha». A igreja era nua e despojada, mas tinha um grande crucifixo atrás do altar. Após um momento de embaraço, porque não sabe mesmo o que lhe dizer, Giussani sugere-lhe: «“Ouça, [...] agora levante-se, sente-se ali à frente e olhe para aquele crucifixo: se tiver alguma coisa a dizer, diga-lho”. A senhora não se vai embora, e ele [...] a uma certa altura, ouve-a dizer-lhe: “Tem razão”.» (L. Giussani, citado em A. Savorana, *Luigi Giussani – A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, pp. 146-147). Cá está: o nome da misericórdia é uma presença, que introduz uma brecha de luz nova numa escuridão profunda, e é a presença da cruz e da ressurreição de Cristo. Mas pensem nos amigos que perdemos por causa do Covid! De quantos tive de me despedir sem nem sequer celebrar Missa, recebendo o carro fúnebre à porta da igreja entre o pranto da mulher, dos filhos, dos amigos! Um verdadeiro tormento! E aí uma pessoa entrega-se ao mistério da realidade. «Quem nos separará do amor de Cristo?». Mas dizemo-lo em lágrimas e com o coração. Percebem? Se não existisse o Senhor, seria um vazio total.

Mas depois veio-me à cabeça outro exemplo mais leve, incluído na biografia do padre Pio. O padre Pio dá o exemplo duma mulher, uma mãe que tece uma tapeçaria no tear, a criança está a seus pés, pergunta-lhe o porquê de tanto trabalho por uma coisa tão feia [porque a criança, de baixo, só vê os fios entrelaçados]. A criança só via um emaranhado de fios, de entrelaçados, urdidura e trama que eram uma grande confusão. Depois a mãe pega na criança, mostra-lhe o trabalho de cima, do lado direito e não do avesso como a criança o via, já não ao contrário e tudo misturado, e eis que a trama se une num todo para formar um trabalho fantástico. Cristo confiou-se ao Pai e também nós nos confiamos a Ele e estamos com Ele. Veem? É mesmo assim: nós somos como aquela criança que vê um emaranhado, mas alguém nos pega ao colo (como faz a mãe) e segura-nos, e faz-nos saudar também os amigos que nos deixam com o coração sofredor, mas não sem esperança; ou seja, somos mesmo segurados e abraçados. E como nós, também os nossos amigos cristãos da Nigéria: é mesmo uma dor e um sofrimento enormes! É o mesmo, o mesmo. A imprensa não falou disso, só falou no

primeiro dia e depois ignorou, mas é assim. Muitas vezes nós vemos a urdidura e a trama misturados: «Mas como? Mas o que é que aconteceu? Não se percebe nada» etc.; e depois confiamos-nos ao Senhor, à sua presença histórica, ao caminho que fazemos na vida da Igreja, do carisma, precisamente onde Cristo se fez presente. E por isso o Mistério, a ontologia, sustenta-nos e salva-nos.

Queria precisamente acabar lendo um texto, ainda de Gius, que nos diz a razão de tudo aquilo que fez: *Para lá do muro dos sonhos*, um texto de 1991 sobre por que razão nasceu toda a obra que fez; explica-o assim aos jovens: «O começo de tudo o que veio depois a nascer [...] partiu do meu desejo de que as pessoas compreendessem [...] aquilo para que está feito o seu coração; que as pessoas entendam um pouco melhor o Destino para que foram criadas [a surpresa da manhã é saber que me levanto para um destino bom]; que se apercebam [...] de que a vida é uma tarefa». Não nos fizemos a nós mesmos – a ontologia: não nos fizemos a nós próprios. «Não nos fazemos a nós mesmos [...] As exigências que emergem do âmago da nossa personalidade, não fomos nós próprios que as construímos. [...] Pretender a felicidade na vida – diz *don* Giussani – é um sonho. Viver a vida caminhando para a felicidade é um ideal. [...] O ideal, pelo contrário, aponta uma direção que não somos nós que estabelecemos [ou seja, o coração segue aquilo que lhe corresponde, a correspondência é com o destino]. [...] Se seguirmos esse rumo, mesmo com esforço [já o dissemos hoje: no sacrifício, com esforço] mesmo indo contracorrente [...], o ideal, com o passar do tempo, torna-se realidade. Realiza-se de uma maneira diferente daquela que imaginamos, sempre diferente e cada vez mais verdadeiro; [que coisa grande! Aos cinquenta anos não é como aos vinte e quatro, e, portanto ...]. [...] A felicidade plena não é uma realidade que se manifeste no presente. É a grande promessa do futuro, é o Destino. Todavia, chama-se felicidade à experiência da realidade enquanto feita para ele, enquanto nos faz tender para ele [...]. Este destino tem um nome na história: Jesus Cristo. Por isso, a vocação consiste em abraçar todas as circunstâncias para obedecer, aderir a Cristo e realizar o que Ele quer de ti» (L. Giussani, «Para lá do muro dos sonhos», em *Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, pp. 59-71).

Em suma, estamos num caminho – juntos, não sozinhos – que nos leva à plenitude, porque Ele veio ao nosso encontro: Deus tudo em tudo (como nos foi dito) através de Jesus, Cristo, que é tudo em todos.

Obrigado a todos.

Prosperi

Obrigado, D. Filippo.

Trabalho de Escola de Comunidade. Como já referido por ocasião dos Exercícios da Fraternidade, este verão, até setembro, iremos trabalhar sobre o texto dos Exercícios: «*Cristo, vida da vida*». O livrinho com as reflexões propostas pelo padre Padre Mauro-Giuseppe Lepori e a assembleia vem como anexo da *Tracce* de junho, e encontra-se no site de CL em formato pdf e ePub. Atualmente o livrinho está disponível em italiano, as traduções nas outras línguas serão publicadas à medida que forem estando disponíveis.

No trabalho sobre os Exercícios, continuamos a ter presente o texto *Dar a vida pela obra de Outro* sobre o qual trabalhámos este ano.

No mês de setembro, daremos novas indicações sobre o trabalho de Escola de Comunidade para os meses seguintes e sobre outros eventuais momentos em videoconferência.

Exposição Centenário de don Giussani. A exposição digital realizada por ocasião do Centenário do nascimento de *don* Giussani, apresentada nos Exercícios da Fraternidade, estará disponível em breve. Convido-vos a todos a visitar a exposição, dando-nos tempo para apreciar a riqueza dos numerosos contributos áudio e vídeo que contém. Deixemo-nos tocar por estes, partindo do pedido sincero de podermos descobrir melhor, nós em primeiro lugar, quem é *don* Giussani. Ao visitá-la, sejamos livres e criativos em pensar em formas de propor os seus conteúdos aos nossos amigos, familiares, colegas,

seja difundindo o pessoalmente o link da exposição, seja organizando momentos de encontro nos quais se possa introduzir o conteúdo da exposição.

Férias comunitárias. Como sabemos, este verão será finalmente possível propor as férias comunitárias com maior liberdade, dado o levantamento das medidas anti-Covid. Falando com os outros amigos responsáveis sobre o que nos mais aprofundar nos momentos de convivência que partilharemos nestes meses, pensámos em propor a todos um “título” que possa servir de pista para as propostas que iremos fazer durante as várias férias: «*Está cá o Mestre e chama por ti*» (Jo 11,28). A frase lembra-nos a provocação que o Padre Mauro nos lançou nos Exercícios da Fraternidade sobre o percurso de Marta e sugere que também nas férias estas possam ser a verificação daquele «assumir na primeira pessoa a responsabilidade do carisma» a que somos todos chamados pela Igreja.

Agradecemos mais uma vez a monsenhor Santoro pela sua disponibilidade e pela ajuda preciosa que quis dar-nos nestes meses no trabalho de Escola de Comunidade. Obrigado!

Santoro

Obrigado, obrigado! Preparar o trabalho é um grande trabalho a mais, que é útil em primeiro lugar para mim, por isso estou contente com esta tarefa que me foi dada.
Vamos dizer a nossa invocação para viver bem este momento, um *Glória*.

Glória
Veni, Sancte Spiritus

Obrigado e boa noite.

Prosperi

E bom verão!

Santoro

Bom verão.